

DA JANELA DO MEU QUARTO

Narrativas orais e cartografia como métodos de investigação da história urbana em
Tucuruí, Pará.

FROM THE WINDOW OF MY ROOM

Oral Narratives and Cartography as Methods for Investigating Urban History in
Tucuruí, Pará.

DESDE LA VENTANA DE MI HABITACIÓN

Narratives orales y cartografía como métodos de investigación de la historia urbana
en Tucuruí, Pará.

Jacqueline Romaro ¹

RESUMO

Ao olhar novamente para a janela de um novo quarto, de repente, é perceptível a passagem de tempo em dez anos desde que foi lançada, pela primeira vez no contexto desta pesquisa, percepções sobre Tucuruí e as dinâmicas que atravessaram aquele território. Este artigo nasce de inquietações singelas que, após anos, transformaram-se em questões de pesquisa. A partir de uma abordagem histórica semiestruturada, é proposta a investigação da região do lago da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, articulando diferentes formas de narrar, registrar e representar o território. O ponto de partida é o livro *Da janela do meu quarto*, que completou dez anos de lançamento em dezembro de 2025 e reúne textos que narram diferentes trajetórias relacionadas à história e ao espaço urbano de Tucuruí. Ao retomar essas narrativas como homenagem e oportunidade de revisitar um primeiro olhar sobre a cidade, o artigo as coloca em diálogo com diferentes fontes que hoje integram esta pesquisa, articulando narrativas literárias, história oral, registros iconográficos e produção cartográfica. A partir de percepções empíricas com base na análise dos dados coletados, foi possível explorar diferentes perspectivas sobre os impactos sociais e territoriais da implantação de um grande projeto na Amazônia. As transformações produzidas em sua materialidade urbana buscam contribuir para a construção da história urbana de Tucuruí.

PALAVRAS-CHAVE: UHE-Tucuruí; Grandes Projetos para a Amazônia; Pesquisa Histórica Semiestruturada; Narrativas; História Urbana.

¹ Universidade Federal do Pará | Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo | <https://orcid.org/0000-0001-5478-0370> | jacquineromaro@gmail.com

ABSTRACT

Looking again through the window of a new room, the passage of ten years suddenly becomes perceptible since, for the first time in the context of this research, perceptions about Tucuruí and the dynamics that shaped that territory were published. This article emerges from simple concerns that, over the years, have transformed into research questions. Based on a historical approach using semi-structured research tools, the investigation focuses on the region surrounding the reservoir of the Tucuruí Hydroelectric Power Plant, articulating different ways of narrating, recording, and representing the territory. The starting point is the book *Da janela do meu quarto*, which completed ten years since its publication in December 2025 and brings together texts that narrate different trajectories related to the history and urban space of Tucuruí. By revisiting these narratives as a tribute and an opportunity to revisit an initial perspective on the city, the article places them in dialogue with different sources that currently form part of the research, articulating literary narratives, oral history, iconographic records, and cartographic production. Based on empirical perceptions derived from the analysis of the collected data, it was possible to explore different perspectives on the social and territorial impacts of the implementation of a large-scale project in the Amazon. The transformations produced in its urban materiality seek to contribute to the construction of the urban history of Tucuruí.

KEYWORDS: Tucuruí Hydroelectric Power Plant; Large-Scale Projects in the Amazon; New Towns; Narratives; Urban History.

RESUMEN

Al mirar nuevamente por la ventana de una nueva habitación, de repente se hace perceptible el paso de diez años desde que, por primera vez en el contexto de esta investigación, fueron publicadas percepciones sobre Tucuruí y las dinámicas que atravesaron aquel territorio. Este artículo nace de inquietudes sencillas que, con el paso de los años, se transformaron en preguntas de investigación. A partir de un enfoque histórico mediante herramientas de investigación semiestructuradas, se propone investigar la región del lago de la Central Hidroeléctrica de Tucuruí, articulando diferentes formas de narrar, registrar y representar el territorio. El punto de partida es el libro *Da janela do meu quarto*, que cumplió diez años de su publicación en diciembre de 2025 y reúne textos que narran diferentes trayectorias relacionadas con la historia y el espacio urbano de Tucuruí. Al retomar estas narrativas como homenaje y como oportunidad de visitar una primera mirada sobre la ciudad, el artículo las pone en diálogo con diferentes fuentes que actualmente integran la investigación, articulando narrativas literarias, historia oral, registros iconográficos y producción cartográfica. A partir de percepciones empíricas basadas en el análisis de los datos recopilados, fue posible explorar diferentes perspectivas sobre los impactos sociales y territoriales de la implantación de un gran proyecto en la Amazonía. Las transformaciones producidas en su materialidad urbana buscan contribuir a la construcción de la historia urbana de Tucuruí.

PALABRAS CLAVE: Central Hidroeléctrica de Tucuruí; Grandes Proyectos para la Amazonía; Ciudades Nuevas; Narrativas; Historia Urbana.

INTRODUÇÃO

Ler, escrever, investigar Tucuruí se tornou mais que uma obsessão, hoje pode ser compreendido como sina (forçosamente descrevendo como: *karma* e *darma*). Existe muito da metalinguagem por sempre contar a partir desta autoria. Existe também o olhar de importância e a falta de modéstia em admitir, não apenas pela origem, que a forma como “o lugar onde vivo” – subtítulo do livro que abre este diálogo – foi construído e transformado, seguindo diversas dinâmicas de exploração com o discurso de integração regional e nacional, conforme pode ser observado em Loureiro (2014).

O que se constrói como narrativa, se iniciou como campo de estudos ainda na década passada. A descrição do que foi vivido aconteceu com bastante intensidade e paixão, delineando os caminhos da história urbana da região do lago da Usina Hidrelétrica de Tucuruí (UHE-Tucuruí). O espaço construído investigado que se transformou em objeto, passeia por essas mesmas linhas há pelo menos 15 anos. Em 2014 foram eternizadas num livro:

Tucuruí, rio de formiga e gafanhoto, a antiga Alcobaça que fica no sudeste do Pará e na Amazônia, e que hoje leva energia para vários cantos do Brasil à custa de um rio encantador. É assim que é conhecido o lugar onde vivo. Pena que essa denominação é praticamente exclusiva para quem está fora da região, pois quem vive aqui sofre com frequentes interrupções no fornecimento de energia, que podem durar minutos, horas e, em alguns casos, até dias. Uma incrível contradição, não é? E isso provoca uma verdadeira relação de “amor e ódio” com esse abastecimento de energia medíocre para com quem vive praticamente dentro da usina hidrelétrica.
(...)

Eu gosto de ser a heroína na escuridão, por ser a única que sabe o esconderijo exato das velas. E é claro eu gosto muito de quando a energia volta (apesar de acabar com esse momento bom e absurdo). Adoro a sensação de surpresa e susto, os gritos dos vizinhos na rua, e de ir apagando vela por vela.
(Romero, 2014, p. 52-53).

Talvez de forma um tanto infantil, procurou-se narrar e encontrar beleza em um momento de adversidade da infraestrutura urbana. A narrativa partia de uma contradição cotidiana: a recorrência da falta de energia em uma cidade marcada pela presença de uma das maiores usinas hidrelétricas do país. Ao mesmo tempo, o episódio aparentemente banal da interrupção do serviço revelou relações de proximidade e experiências compartilhadas que, anos depois, seriam importantes para investigação: as trajetórias familiares pelo território.

Tempos atrás era apenas uma situação cotidiana, hoje tornou-se uma pista para investigar as transformações territoriais associadas à implantação da UHE-Tucuruí, que está localizada à aproximadamente 10km do centro da cidade. Nesse período, ainda sem saber se

seria arquiteta ou pesquisadora, se iria estudar acerca da história urbana, já era interessada quanto aos métodos de investigação. E é a partir desse ponto que os meandros dessa história são percorridos. Surge, então a questão: como narrativas sobre trajetórias familiares podem contribuir para reconstruir territorialidades transformadas pela implantação da UHE-Tucuruí?

Uma contextualização importante é definir, de maneira nominal, os personagens mencionados em entrevista que surgem no decorrer do texto. Raimunda de Oliveira, tia avó materna mais velha da autora deste artigo, aqui será caracterizada como “Tia Mundó”. E Junia, interlocutora do diálogo com Tia Mundó, representa Jacqueline Romaro, autora que vos escreve. Por questões de familiaridade com o objeto e aproximação com os leitores, foi decidido pela manutenção das nomenclaturas conhecidas no âmbito familiar.

É importante ressaltar de onde parte a base científica deste artigo: a pesquisa de mestrado da autora, que aborda as Cidades Novas² inseridas no contexto da UHE-Tucuruí. Por questões particulares, e de modo semelhante ao ocorrido durante a escrita dos textos que compõem o livro anteriormente apresentado, buscou-se investigar e desenhar um grande arco acerca dos Grandes Projetos e da produção urbana na Amazônia Legal. Assim, nasce a dissertação de mestrado e, a partir dela, este artigo.

Para nortear o diálogo dentro deste trabalho, a contextualização parte do objeto, apresentando métodos e fontes para a articulação de diferentes ferramentas possíveis à pesquisa histórica semiestruturada. A investigação mobiliza narrativas orais, documentação, iconografia, projetos e cartografia, compreendendo essas fontes de maneira articulada para reconstruir diferentes dimensões da história urbana de Tucuruí.

Entre as diferentes fontes mobilizadas nesta investigação, a literatura é incorporada como possibilidade de acesso às formas pelas quais a cidade é percebida, narrada e experienciada por seus habitantes. Nesse sentido, os textos literários não são utilizados como registros documentais dos acontecimentos urbanos, nem como comprovação isolada das situações neles narradas, mas como produções que expressam percepções e interpretações construídas a partir da experiência cotidiana de Tucuruí.

Essa abordagem permite que a literatura seja inserida no procedimento de cruzamento das fontes adotado neste artigo. As narrativas constituem um ponto de partida para identificar lugares, acontecimentos, experiências e questões sobre a cidade, enquanto a documentação,

² Conceito utilizado para caracterizar cidades “não espontâneas”, conforme abordado por Ricardo Trevisan (2020) e melhor desenvolvido ao decorrer deste trabalho.

a iconografia, os projetos e a cartografia possibilitam confrontar, espacializar e contextualizar aquilo que aparece narrado.

A literatura não ocupa o lugar das demais fontes, mas integra um conjunto heterogêneo de materiais a partir dos quais se busca compreender diferentes dimensões da produção e da transformação urbana de Tucuruí. É a partir desse procedimento que *Da janela do meu quarto* é incorporado à investigação, como um conjunto de narrativas das quais podem ser identificadas experiências e questões posteriormente articuladas às outras fontes da pesquisa.

Figura 1 – Capa do livro “Da janela do meu quarto: uma visão do lugar onde vivo”.



Fonte: Oliveira (2014).

A história de Tucuruí está relacionada às formas de ocupação e circulação que se estabeleceram no Baixo Tocantins. A origem da cidade remete à Vila de Alcobaça, povoado ligado ao município de Baião e situado às margens do rio Tocantins. A posição entre o Médio e Baixo Tocantins favoreceu sua inserção nas redes de circulação e comércio da região, especialmente quando associadas à exploração de recursos naturais (Emmi, 2000).

A partir do final do século XIX, impulsionada pela comercialização da castanha-do-Pará, concentrada especialmente na região de Marabá, Alcobaça consolidou-se como ponto

estratégico de transporte e escoamento da produção. Castro et al. (2010, p. 6) aponta o início das explorações pelo rio Tocantins ainda entre os séculos XVII e XVIII pelas buscas de ouro e prata, e para evitar o “extravio de ouro” cria-se a freguesia São Pedro de Alcobaça em 1782.

Diante da necessidade de escoamento de matéria-prima, é concebido o projeto da Estrada de Ferro Tocantins (EFT), posteriormente implantada na região de Alcobaça, atual cidade de Tucuruí. A partir disso, a EFT passou a desempenhar papel significativo na transformação do território. Os estudos para a construção iniciaram ainda em 1890, tendo Tucuruí como ponto de partida, a ferrovia foi concebida para vencer as corredeiras do rio Tocantins e facilitar o transporte da produção extrativa (Tourinho, 2011).

De acordo com Pimentel, Ravena e Trindade (2022, p. 3) as obras se estenderam por mais de três décadas, entre 1908 e 1940, e a ferrovia alcançou Jatobal, estabelecendo conexões com outros núcleos do Médio Tocantins, a exemplo de Breu Branco (“Breu Velho”), Pucuruí e Remansão, como demonstrado no esquema da Figura 2. Por conta da implantação da ferrovia, alguns efeitos sobre a configuração urbana de Tucuruí foram observados.

Figura 2 – Mapa esquemático da Estrada de Ferro Tocantins.



Fonte: “Ferrovias do Brasil: 1970” (DNEF, 1972).

Com a chegada de trabalhadores e migrantes, houve um crescimento populacional e uma nova estruturação urbana, estimuladas também por conta da instalação de equipamentos vinculados ao funcionamento da EFT, como galpões, clubes e escritórios³, de acordo com o que foi encontrado no site do Museu Virtual de Tucuruí ([s.d.]). A partir do encerramento da EFT em 1973, o território passou por nova reorganização. Os trilhos foram retirados em 1974, enquanto parte de suas estruturas permaneceu incorporada à cidade ou posteriormente vinculada como propriedades da Eletronorte (Acseirad, 1991, p. 56) – empresa responsável pela construção e funcionamento da Usina Hidrelétrica de Tucuruí (UHE-Tucuruí) anos depois.

A cidade de Tucuruí, a esta altura, apresentava sucessivas reconfigurações antes da chegada da hidrelétrica. Rio, ferrovia e, posteriormente, rodovias participaram da construção de diferentes formas de ocupação e circulação. A própria trajetória narrada em *Da janela do meu quarto* através do texto de Pessoa (2014) registra essa passagem: a antiga Alcobaça, sede da EFT, é apresentada como uma cidade que posteriormente se transforma em Tucuruí, marcada pela chegada da hidrelétrica e pela substituição dos antigos caminhos ferroviários pelo novo projeto energético:

Com a necessidade de se criar a Hidrelétrica, tivemos que perder nossos caminhos de ferro. Esse lugar é tão pequenino! Mas já foi, e é alvo de grandes transformações. Deixamos de ser a cidade sede da Estrada de Ferro Tocantins, a antiga Alcobaça, para sermos Tucuruí, a capital da energia (...). (Pessoa, 2014, p. 22-25).

A construção da UHE-Tucuruí representou uma nova escala de intervenção sobre esse território. Inserida nas políticas de integração territorial e exploração da Amazônia Oriental intensificadas durante os governos militares, a usina também esteve relacionada ao contexto do Programa Grande Carajás (PGC)⁴ e aos grandes investimentos em infraestrutura realizados na região. Os estudos e obras da UHE-Tucuruí tiveram início na década de 1970, com inauguração da primeira etapa em 1985 (Eletronorte, 1989).

As transformações provocadas pela usina ultrapassaram a construção da barragem e da infraestrutura diretamente associada à produção de energia. A implantação do

³ A atual sede da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) funciona em um prédio onde originalmente se localizava o escritório da EFT, conforme relatado no site de memórias denominado Museu Virtual de Tucuruí. Atualmente o prédio pertence a Eletronorte e é cedido para a Prefeitura Municipal de Tucuruí.

⁴ O programa Grande Carajás surgiu durante a Ditadura Militar no governo de João Figueiredo. Criado pela Companhia Vale do Rio Doce, tinha como finalidade de explorar fontes mineradoras, como também os potenciais agrícolas e energéticos do norte do país (estendendo-se por uma grande região cortada pelos rios Xingu, Tocantins e Araguaia, envolvendo partes do Pará e do Maranhão. (Arquivo Nacional, 2018).

empreendimento produziu novas configurações urbanas em Tucuruí, especialmente a partir da criação das Vilas da Eletronorte, constituídas como núcleos residenciais vinculados às necessidades da construção e operação da usina, detalhadas a seguir.

Vila Pioneira, Vila Permanente, Vila Temporária I e Vila Temporária II, representadas nesta pesquisa como “Vilas da Eletronorte”, constituíram diferentes momentos dessa produção urbana. Com diferentes graus de autonomia em relação à cidade tradicional e distintas formas de organização espacial, as Vilas mantinham vínculo direto com o funcionamento do canteiro de obras da UHE-Tucuruí.

Por conta da usina, a formação do reservatório alterou profundamente a organização territorial do Baixo Tocantins. O lago da UHE-Tucuruí inundou aproximadamente 2.850 km² e atingiu localidades urbanas e rurais situadas às margens do rio Tocantins. Entre elas estavam Breu Branco, Pucuruí, Repartimento, Remansão do Centro, Remansão da Beira, Vila Delphos, Jatobal, Ipixuna e a sede do município de Jacundá (Acseirad, 1991, p. 56).

Nesse âmbito, a implantação da usina produziu uma situação territorial marcada simultaneamente pela construção de novos espaços urbanos e pela transformação ou desaparecimento de outros. Enquanto determinadas áreas eram planejadas para receber trabalhadores e dar suporte ao empreendimento, populações estabelecidas em localidades atingidas precisavam ser deslocadas para novos núcleos.

No primeiro caso, encontram-se as chamadas Vilas da Eletronorte, denominação utilizada para reunir os núcleos habitacionais produzidos pela Eletronorte para atender à estrutura de trabalho vinculada à implantação e operação da usina. Integram esse conjunto a Vila Pioneira, Vila Permanente e as Vilas Temporárias I e II, que apresentavam diferentes graus de autonomia em relação à cidade tradicional e distintas formas de organização espacial, mas mantinham vínculo direto com o funcionamento do empreendimento.

Em circunstâncias opostas, encontram-se as Vilas de Realocação, denominação adotada nesta pesquisa para identificar os novos núcleos urbanos destinados à população deslocada em decorrência da formação do reservatório da UHE-Tucuruí. A inundações de antigos núcleos e localidades, como Breu Branco e Repartimento, implicou na transferência de seus moradores e a produção de novos assentamentos, posteriormente constituídos como os municípios de Novo Breu Branco e Novo Repartimento, por exemplo.

A distinção entre esses dois conjuntos permite reconhecer dois tipos de Cidades Novas produzidas no contexto da implantação da UHE-Tucuruí, diferenciadas pelos agentes

envolvidos, circunstâncias que motivaram sua criação e funções atribuídas aos novos núcleos. Embora apresentem origens e finalidades distintas, ambos resultam de processos de produção urbana que não decorreram exclusivamente do crescimento espontâneo dos assentamentos existentes, como é o caso das cidades mencionadas anteriormente.

Nesse processo, a cidade projetada e a cidade vivida são compreendidas como dimensões que se articulam na produção urbana de Tucuruí. Enquanto os projetos expressam intenções, funções e formas previamente definidas, as experiências dos moradores revelam apropriações, deslocamentos e transformações que ultrapassam aquilo que foi inicialmente planejado. O diálogo entre essas dimensões permite observar as diferentes formas pelas quais a UHE-Tucuruí produziu e transformou os espaços urbanos.

Inserida nesse contexto, a discussão proposta por Trevisan (2020) contribui para a leitura desses processos, ao compreender as Cidades Novas a partir de atributos que permitem identificar as condições que antecedem e orientam sua produção: desejo, necessidade, lugar, profissional, projeto e tempo. A partir desses atributos, torna-se possível compreender as especificidades de cada conjunto.

O desejo relaciona-se aos agentes públicos ou privados envolvidos na concretização da cidade. A necessidade, às funções que justificam sua criação. O lugar, à escolha prévia do sítio. O profissional, sobre a atuação de agentes previamente definidos para sua execução. O projeto, acerca da existência de uma concepção urbanística anterior à implantação. E o tempo, à delimitação de um momento específico para sua criação.

No caso de Tucuruí, esses atributos permitem observar que, embora as duas modalidades respondam a necessidades distintas – a primeira vinculada à implantação e funcionamento do empreendimento e a segunda ao deslocamento das populações atingidas –, ambas resultam de processos urbanos deliberadamente orientados e vinculados à implantação da usina.

Compreender como esses processos foram concebidos, implantados e posteriormente experienciados exige o diálogo entre diferentes formas de registro da produção e da transformação urbana. É da necessidade de articulação entre as fontes que se estrutura o percurso metodológico e instrumentos que sustentam este artigo. Parte-se, portanto, de uma abordagem qualitativa de caráter histórica semiestruturada construindo uma articulação entre diversas fontes, inseridas sob o recorte temporal de 1975-1989, como método de investigação, análise e aprofundamentos.

Neste caso, as ferramentas são semiestruturadas, e não o ponto de vista teórico e/ou histórico. Segue-se, portanto, o modelo de pesquisas históricas a partir de diversas fontes amparadas em Gil (2019), a articulação com as narrativas orais descritas por Yin (2015) e a caracterização da cidade como um objeto específico de investigação com base em Le Petit (1980) para dialogar sobre a história urbana.

A opção por uma abordagem semiestruturada decorre da necessidade de adaptar o percurso da investigação à medida que novas informações surgem nos arquivos e narrativas orais. Cada fonte assume uma função específica no processo investigativo: documentos, relatórios e projetos permitem acompanhar decisões institucionais. Os relatos orais permitem acessar experiências e relações com lugares que não aparecem nos registros oficiais. E as iconografias permitem observar materialidades urbanas em diferentes momentos.

A investigação histórica de Tucuruí e da região transformada pela UHE-Tucuruí parte da compreensão de que nenhuma fonte, isoladamente, é capaz de alcançar a complexidade das transformações produzidas no território, apesar de suas perspectivas e temporalidades próprias. Cruzá-los não significa apenas reunir informações, mas estabelecer relações entre registros distintos para acompanhar aquilo que permanece, desaparece ou se transforma.

Os relatos presentes nesta pesquisa permitem acompanhar algumas dessas transformações a partir das trajetórias daqueles que circularam por esses lugares. Na seção seguinte, é discutido acerca desse cruzamento como procedimento de investigação, apresentando as possibilidades de articulação entre literatura e história oral como artifício de aproximação da documentação. Em seguida, a partir da coleta de iconografias, intenciona-se a espacialização através do redesenho da cartografia⁵, evidenciando o mecanismo como protagonista de uma narrativa puramente urbana.

CRUZANDO AS FONTES PARA A INVESTIGAÇÃO

Ao intercalar a investigação em conjunto do livro *Da janela do meu quarto* (Oliveira, 2014), assumindo-o como um repertório de narrativas produzidas por jovens que foram convidados a observar e escrever sobre o lugar onde viviam, foi possível vislumbrar uma primeira intenção para coleta de dados e produção das bases metodológicas expostas aqui. A característica crucial sob o ponto de vista do(s) autor(es) torna o livro enriquecedor para a

⁵ Para o redesenho e devida aproximação cartográfica nesta pesquisa, foram utilizadas como bases dados do IBGE, mapas presentes nos projetos originais da Eletronorte, imagens aéreas e georreferenciadas.

construção do percurso investigativo, por evidenciar Tucuruí sob diversas experiências cotidianas, reais ou ficcionais⁶, revelando diferentes dimensões da cidade.

Como exemplo, em “*Tucuruí: a cidade da energia em meio à escuridão*” trazendo como autoria Jaqueline Lima (2014) demonstrado no trecho a seguir, a contradição entre a presença da UHE e os recorrentes problemas de fornecimento de energia é transformada em questão sobre a própria condição urbana⁷. O texto associa a usina ao desenvolvimento social e econômico da cidade, mas simultaneamente registra a experiência dos blecautes, dos protestos e da insatisfação da população:

Às margens do rio Tocantins, situam-se várias cidades e povoados; e um deles, foi escolhido para abrigar a maior escultura do capital internacional da Amazônia: a usina hidrelétrica, construída em Tucuruí. Atualmente, após décadas desde sua construção e finalização, a usina é a grande responsável pelo desenvolvimento social e econômico da minha cidade. No entanto, apesar de ser um pólo produtor de grande quantidade de energia elétrica, Tucuruí passa por sérios problemas no que tange à qualidade da energia que chega à cidade, levando a mesma, não raramente, a ficar na total escuridão. (...).

Os impactos negativos causados pela construção da usina são uma fonte de sofrimento até os dias de hoje para nossas famílias; afinal, povoados inteiros tiveram que deixar suas casas para que fosse possível a formação do lago artificial da usina. (...).

(Lima, 2014, p. 103-106).

Outras narrativas deslocam o olhar da infraestrutura para os lugares que compõem a experiência territorial. Em *Um lugar chamado Bacuri!*, a viagem é narrada através de uma sequência de paisagens, estradas, fazendas, riachos e áreas de floresta, culminando na chegada a Bacuri, lugar que está inserido na área de realocação rural da UHE-Tucuruí, mais especificamente nas margens da BR-422 (Transamazônica). A narrativa transforma o percurso em experiência espacial, descrevendo aquilo que é visto durante o deslocamento e atribuindo ao lugar uma dimensão de pertencimento:

Aí a viagem recomeça novamente, mas dessa vez são quase dez horas. No caminho que dá direto até a casa dos meus avós, existe uma paisagem tão bela quanto a primeira: cheia de vida e com muitos animais, às vezes cruzando a estrada a toda velocidade, e também com muitas árvores que em certos pontos cobre o céu da estrada e forma uma cobertura majestosa.

⁶ A utilização de ficção não é uma abordagem metodológica, e sim recurso literário da narrativa como intermédio da investigação histórica. Nos exemplos citados, foi utilizada como artifício por se tratar de situações cotidianas que poderiam ou não ocorrer da maneira descrita.

⁷ Essa mesma contradição aparece no texto “Sentimentos Controversos”, citado na Introdução deste artigo, no qual o apagão deixa de ser apenas um problema de infraestrutura e passa a produzir uma experiência doméstica: a escuridão interrompe a rotina, mas cria um intervalo de convivência familiar.

Logo depois de passar através desse lindo pedaço da estrada, começa a reserva ambiental da aldeia Parakanã⁸, é o sinal de que estamos chegando ao destino final. A imagem fica cada vez mais linda.

Ao longo do caminho os meus olhos viajam com alguns riachos nas entradas das fazendas do lado oposto à reserva indígena, é tão lindo que parece ter sido feito à tinta. E do lado indígena, meus olhos viajam com outra coisa: enquanto do lado de fazendas é um campo aberto, do lado indígena uma floresta fechada que às vezes é bastante alta e em outras, tão baixa que dá pra ver seu interior magnífico e suas variações perfeitas de árvores e animais (...). (Romaro, 2014, p. 43-45).

É nesse ponto que a narrativa oral estabelece uma relação particularmente potente com as narrativas literárias. O livro registra um olhar sobre a cidade e seus lugares em determinado momento. Anos depois, as entrevistas realizadas com pessoas que vivenciaram transformações anteriores permitem acompanhar outras temporalidades e experiências.

De modo a realizar a interligação entre as diferentes ferramentas de pesquisa, foi necessária uma análise aprofundada das narrativas construídas a partir de conversas cotidianas. Em um primeiro contato, a partir da entrevista com Tia Mundó, foi descrita uma sequência de deslocamentos entre Cametá, Tucuruí, Remansão, Jatobal e, novamente, Tucuruí. Ao falar sobre essas localidades, ela associa diretamente seu desaparecimento à construção da barragem: Remansão e Jatobal, antes reconhecidos como vilas, aparecem posteriormente como lugares “no fundo”:

Junia - Pois é, eu queria entender melhor como foi isso de vocês mudarem de uma cidade para outra, a senhora ainda ficou muito tempo em Cametá né?

Tia Mundó - (...) morei em Cametá, depois viemos para a estrada de ferro, e ficamos correndo o mundo. Depois viemos pra Tucuruí, depois que me casei que vim pra Tucuruí.

Junia - Ah então a senhora só chegou em Tucuruí na década de 1950 né? Quando ainda era Alcobaça.

Tia Mundó - Ainda era Alcobaça, depois logo, logo passou pra Tucuruí.

Junia - Onde vocês moravam nesse primeiro momento?

Tia Mundó - Quando nós chegamos aqui nós moramos na Estrada de Ferro, nós moramos no Remansão, que hoje ela tá no fundo, tá no fundo... E depois fomos para o Jatobal, também tá no fundo. Por que veio a barragem né? Tá no fundo... Depois viemos pra Tucuruí.

(Oliveira, 2025).

Essa trajetória permite perceber que a transformação territorial não ocorreu de maneira homogênea. Para alguns, como trabalhadores da usina, migrantes e empresários, a

⁸ A Reserva indígena Parakanã trata-se uma área ambiental localizada nas margens da rodovia BR-422, pertencente ao município de Novo Repartimento. Esta reserva corresponde a um conjunto de aldeias da etnia de mesmo nome que foi um dos grupos afetados pela construção da UHE-Tucuruí, conforme pode ser verificado em Brasil (2010).

construção da UHE-Tucuruí significou oportunidades de trabalho e formas planejadas de urbanização a partir da chegada de novas infraestruturas. Para outros, população diretamente afetada pelos impactos ambientais e sociais, significou a interrupção de relações estabelecidas com localidades que deixaram de existir fisicamente.

A partir dessa sobreposição de territórios, trajetórias e temporalidades, Tucuruí e a região do lago podem ser compreendidas como espaços continuamente redesenhados por diferentes projetos de ocupação. Alguns desses desenhos permaneceram materializados nas cidades, nas vilas e nas infraestruturas. Outros permaneceram registrados em documentos, fotografias, projetos e narrativas.

Retornando ao relato da Tia Mundó, o que se apresenta é uma trajetória que passa pela EFT, Remansão, Jatobal e Tucuruí, identificando espacialmente localidades que posteriormente foram atingidas pelo reservatório. Entre as histórias contadas, é mencionado também o percurso feito pela sua mãe Maurícia de Oliveira Mendes, que assim como Tia Mundó precisou migrar entre algumas localidades afetadas pela UHE-Tucuruí. No trecho a seguir é evidenciada a relação espacial com algumas vilas afetadas pelo lago da usina:

Junia - E a vó morava no Remansão ou já morava na sede?

Tia Mundó - Ela morava no Remansão, do Remansão ela veio para cá para Tucuruí. Ela morou no Remansão, foi para Jatobal e do Jatobal ela veio pra Tucuruí. É duma... duma vila para outra sabe? Do Jatobal pra... daí eles vieram morar em Tucuruí, a mamãe.

Junia - E como era no Remansão?

Tia Mundó - No Remansão era uma vila... era uma vila, só tinha... O que tinha lá era uma igreja católica, mas não tinha cartório, não tinha nada, era uma vila só. Aí no Jatobal era a mesma coisa, era uma vila. Agora no Jacundá é que tinha já... Tinha cartório, um bocado daqueles bancozinho velho acolá, no Jacundá...

Era só atravessar o rio.

(Oliveira, 2025).

Tia Mundó precisou fazer uma série de mudanças em sua vida: de Cametá para Tucuruí ainda menina; de Tucuruí para Remansão; de Remansão para Jatobal; de Jatobal para Tucuruí (sede). Todas essas mudanças tiveram como cenário principal o rio Tocantins e os projetos que englobavam a exploração dessa área: EFT, UHE-Tucuruí e a inundação dos territórios para a construção do lago. Tudo isso sob a promessa de vida melhor e alcance do progresso.

A entrevista registra o deslocamento como narrativa, enquanto o redesenho o restitui como percurso territorial. Neste sentido, a cartografia surge desse processo como possibilidade de reunir espacialmente aquilo que as diferentes fontes apresentam de forma

fragmentada. Se uma narrativa indica um lugar, o documento permite investigá-lo. Se o projeto revela uma intenção espacial, a fotografia permite observar sua materialização.

Foi nesse sentido que, a partir da elaboração desta pesquisa, foi possível produzir um mapa esquemático dos deslocamentos da Tia Mundó (Raimunda de Oliveira), relacionando sua trajetória às localidades atravessadas pela EFT e pela UHE-Tucuruí. Para este artigo, o procedimento é resgatado como possibilidade de espacializar narrativas e redesenhar territórios a partir do cruzamento das fontes.

Entende-se que o percurso não se estabelece em uma única direção. Uma história pode conduzir a um lugar e em cadeia transmitir uma série de resultados. Através da abordagem literária foi possível estabelecer um primeiro olhar investigativo. As entrevistas, documentos, projetos, imagens e redesenhos não apagam as primeiras narrativas, e sim permitem relê-las a partir de escalas. É confrontando esse entrelaçamento que surge a possibilidade de reescrever a cidade resgatando as experiências daqueles que habitaram ou tiveram seus territórios transformados.

Relacionado a isso, a cartografia assume a função de reunir e espacializar informações provenientes dessas diferentes fontes. Retomam-se procedimentos desenvolvidos na pesquisa, observados com ênfase na seção seguinte: como o mapa referente à área afetada pelo lago (Figura 7), o mapa esquemático dos deslocamentos da Tia Mundó (Figura 8) e aos núcleos urbanos submersos e aos processos de realocação (Figura 9). Para este artigo, esses procedimentos são mobilizados como possibilidade de espacializar narrativas e redesenhar territórios a partir do entrelaçamento entre fontes.

ICONOGRAFIA E CARTOGRAFIA: PROTAGONISTAS DE UMA NARRATIVA ESPACIAL

Se no cruzamento das fontes as narrativas permitiram identificar lugares, trajetórias e acontecimentos, a iconografia e a cartografia possibilitam avançar sobre a dimensão espacial dessas experiências. Fotografias, mapas e redesenhos não são compreendidos como elementos complementares ou meramente ilustrativos do texto. Constituem registros capazes de produzir outras formas de leitura sobre as transformações ocorridas na região atingida pela UHE-Tucuruí. Cada representação seleciona, organiza e torna visíveis determinados aspectos do território, permitindo acompanhar materialidades, deslocamentos e desaparecimentos que dificilmente poderiam ser apreendidos por uma única fonte.

A iconografia ocupa uma posição particular por registrar diferentes estados de uma materialidade urbana submetida a intensas transformações. Fotografias das Vilas da Eletronorte, dos espaços de circulação, das unidades habitacionais e das áreas vinculadas à implantação da usina permitem observar aquilo que foi construído, mas também as formas pelas quais esses espaços foram ocupados e posteriormente modificados. A Figura 3 demonstra a inserção da Vila Pioneira na cidade de Tucuruí, o que representaria mais um bairro da cidade, sendo esta vila completamente absorvida pelo tecido urbano.

Figura 3 – Imagem aérea da Vila Pioneira durante a década de 1970.



Fonte: Eletronorte, 197-.

A possibilidade do registro temporal, como exemplificado acima, torna-se particularmente significativa quando observadas as Vilas da Eletronorte. Os projetos urbanísticos elaborados para esses núcleos expressavam uma determinada concepção de

cidade, vinculada às necessidades do empreendimento hidrelétrico e às funções atribuídas aos diferentes grupos de trabalhadores.

A leitura dos projetos permite identificar hierarquias, setores, equipamentos, sistemas viários e padrões de implantação que não são imediatamente perceptíveis nos relatos, como exemplo da Figura 4, que demonstra o esquema entre Vilas da Eletronorte e canteiro de obras como documento de fonte primária. Neste esquema, é possível observar o traçado para todas as Vilas da Eletronorte, destacando o desenho da Vila Pioneira no topo da imagem.

Figura 4 – Esquema entre as Vilas da Eletronorte e canteiro da obras da UHE-Tucuruí.

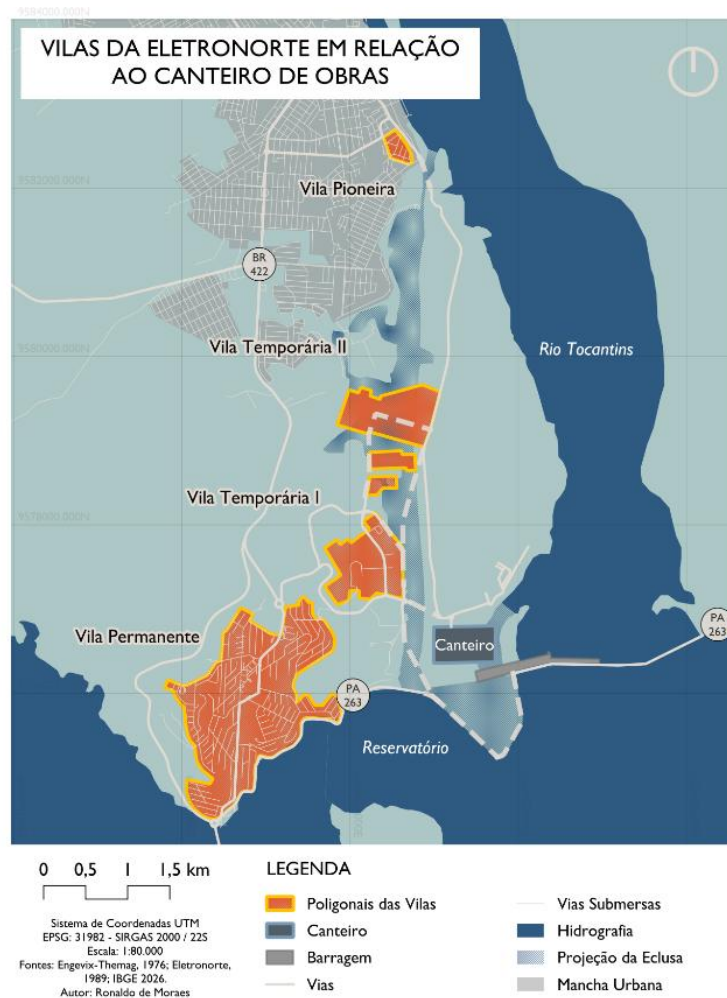


Fonte: Eletronorte, 1989.

Este mesmo esquema foi redesenhado e reproduzido para esta pesquisa, representado na Figura 5. Para reprodução do desenho anterior, as fontes foram sobrepostas e georreferenciadas. Em seguida, com auxílio da imagem aérea (ver Figura 3), foi possível fazer uma aproximação eficaz e determinar o traçado original do lugar. Contudo, levou-se em

consideração a transformação espacial ocorrida naquela localidade e atual situação do sítio. Ao exercitar o redesenho da forma descrita, foi possível observar as transformações temporais em conjunto e verificar o que permanece e o que desapareceu no espaço e no tempo.

Figura 5 – Vilas da Eletronorte em relação ao canteiro da UHE-Tucuruí.



Elaboração: Ronaldo de Moraes, 2026.

As fotografias introduzem outra escala de observação: a cidade planejada aparece atravessada pelo cotidiano, pela ocupação das casas, relações entre edifícios, espaços livres e adaptações decorrentes do uso. O confronto entre essas representações permite deslocar a análise de uma cidade concebida para uma cidade efetivamente produzida no espaço. Na Figura 6 é demonstrado a Vila Pioneira ocupada pelos trabalhadores da UHE-Tucuruí, um

importe registro quando colocado em paralelo com as imagens aéreas e projeto, uma vez que representa sua materialização.

Figura 6 – Vila Pioneira durante a década de 1980.



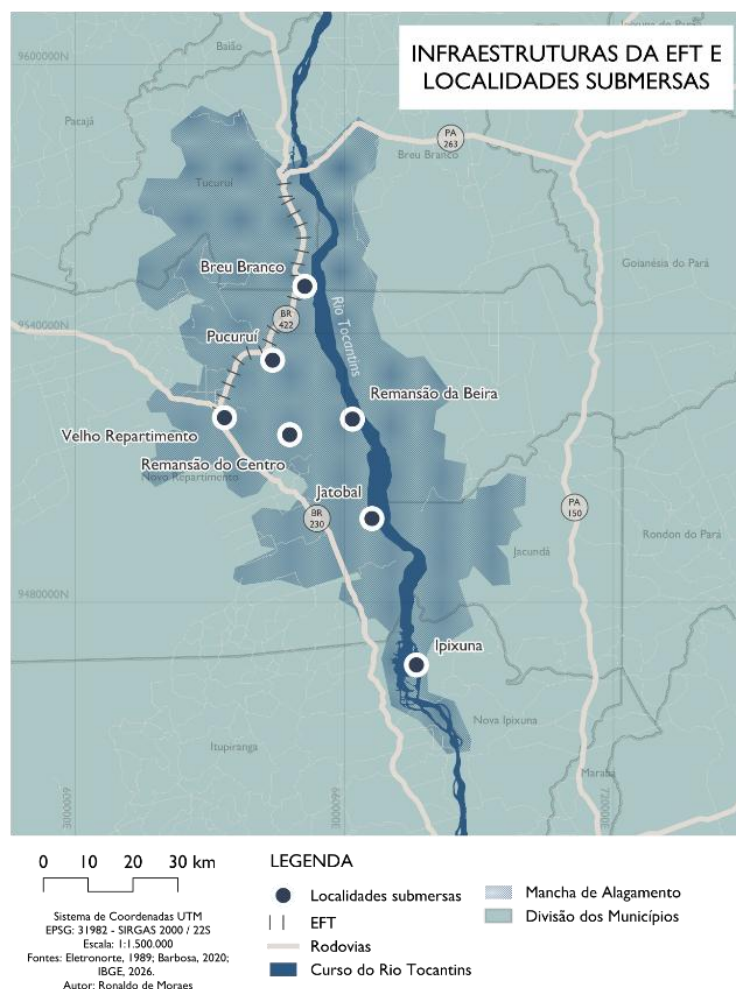
Fonte: Eletronorte, 1983.

A mesma operação de aproximação através de imagens pode ser realizada em relação às Vilas de Realocação. Se os documentos associados à implantação da UHE-Tucuruí permitem identificar os procedimentos adotados para o deslocamento das populações atingidas, as imagens e os mapas permitem acompanhar espacialmente a passagem entre os antigos e os novos lugares de moradia.

Nesse caso, a representação cartográfica assume uma função que ultrapassa a localização, permite rever relações territoriais interrompidas pela formação do reservatório. Localidades que hoje não podem mais ser observadas em sua configuração original, podem ser novamente relacionadas aos percursos, núcleos urbanos e às redes de circulação que

existiam antes da inundação, como o exemplo da Figura 7, que representa pontos onde havia trilhos da EFT anteriormente e que hoje se encontram submersos pelo lago da UHE-Tucuruí.

Figura 7 – Núcleos urbanos e trilhos da EFT submersos pelo lago da UHE-Tucuruí.



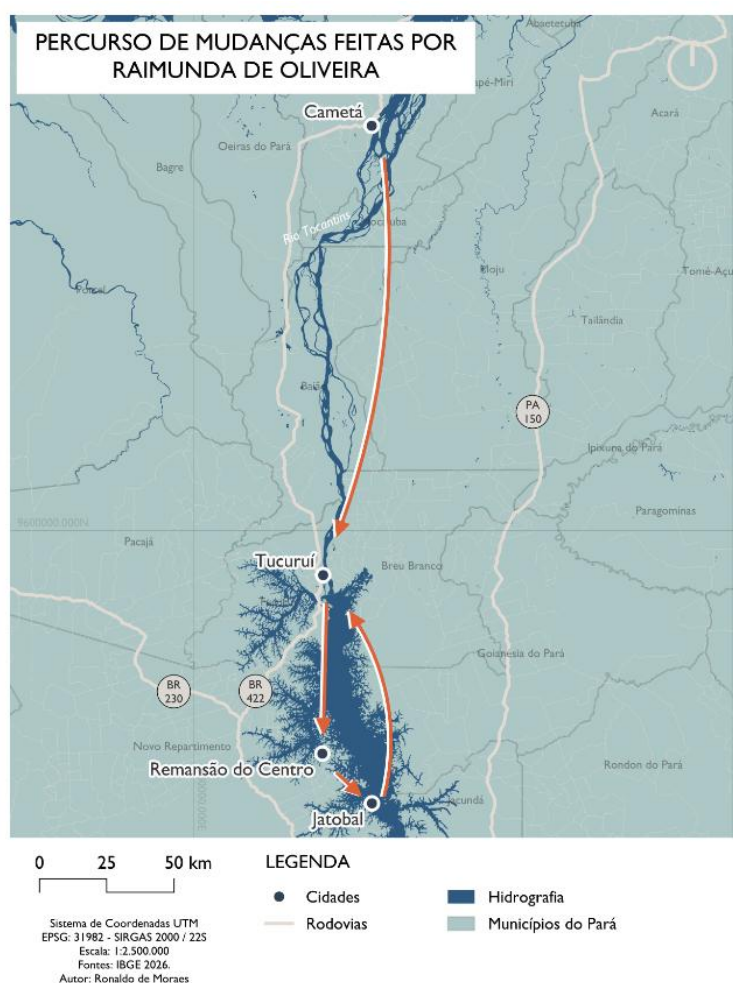
Elaboração: Ronaldo de Moraes, 2026.

É nesse ponto que a trajetória da Tia Mundó retorna sob outra perspectiva. Seu relato oral identifica uma sequência de lugares – Cametá, EFT, Remansão, Jatobal e Tucuruí – que poderia permanecer restrita à dimensão da memória caso não fosse espacializada. O redesenho dessa trajetória permite transformar uma narrativa individual em uma possibilidade de leitura territorial, relacionando a experiência de deslocamento às infraestruturas e localidades atingidas pelas transformações da UHE-Tucuruí.

A cartografia não pretende representar a totalidade da experiência da Tia Mundó, mas criar uma aproximação espacial capaz de evidenciar os territórios atravessados por sua

trajetória e os diferentes momentos de sua relação com a região, evidenciados na Figura 8⁹. Ao sobrepor essa trajetória aos mapas da Estrada de Ferro Tocantins, das localidades atingidas pelo reservatório e dos núcleos urbanos posteriormente constituídos, outras relações tornam-se perceptíveis. O que na narrativa aparece como uma sequência de deslocamentos, passa a ser compreendido como parte de uma transformação territorial de maior escala.

Figura 8 – Trajetória de deslocamentos da Tia Mundó entre localidades da região de Tucuruí.



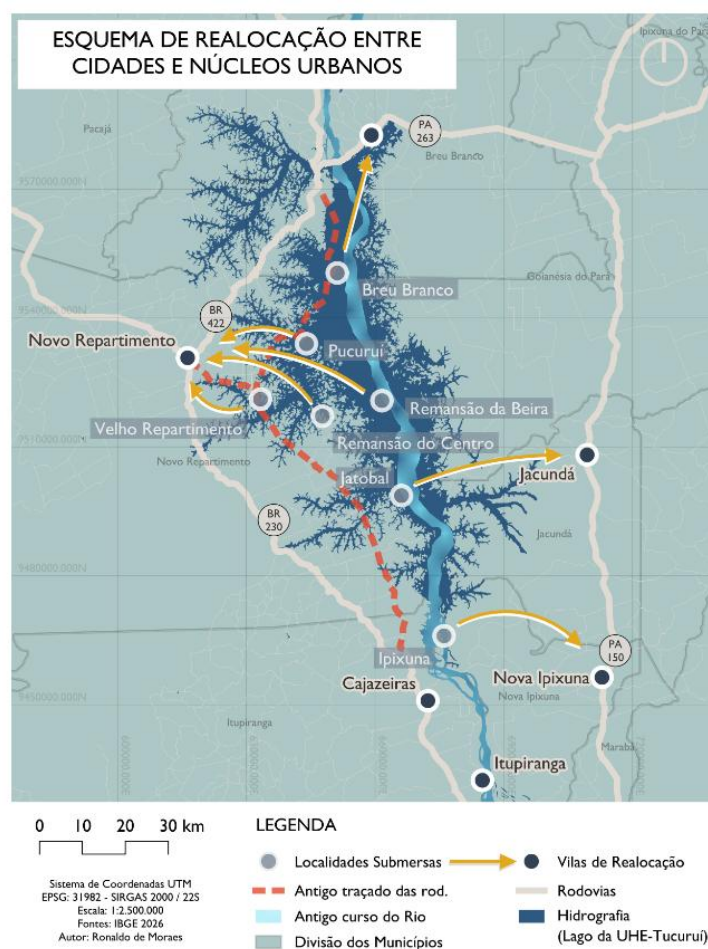
Elaboração: Ronaldo de Moraes, 2026.

⁹ As Figuras 7 e 8 caracterizam sobreposições espaciais únicas em sua representação, mesmo que apresentando informações semelhantes. Na Figura 7, mesmo representando localidades submersas pelo lago da UHE-Tucuruí, vislumbra-se uma escala diferente da Figura 8. Diante disso, optou-se por mantê-las em gráficos separados, para uma leitura compartimentada de informações: primeiro a apresentação das localidades submersas, depois, o esquema completo de mudanças feitas por Raimunda Oliveira (Tia Mundó), inserindo geograficamente parte o Baixo Tocantins.

Remansão e Jatobal (representados na Figura 9), mencionados pela entrevistada como lugares que “estão no fundo”, deixam de aparecer apenas como referências de uma memória familiar e passam a integrar uma cartografia dos espaços modificados pela formação do lago. O mapa não substitui o relato: ele o acompanha, atribuindo-lhe uma dimensão espacial e permitindo que a memória seja relacionada a processos territoriais mais amplos.

A partir do que é possível observar com a Figura 9, é importante reforçar que as realocações ocorreram praticamente ao mesmo tempo, de maneira encadeada. Por conta da necessidade em realocar essa parcela da população, projetos foram elaborados e executados em um curto período, com tempo hábil entre o deslocamento e enchimento do reservatório da UHE-Tucuruí. Os mapas descrevem a mancha de inundação situada nos relatórios oficiais e diagnósticos de impacto do empreendimento (Eletrobrás, 1987; Eletronorte, 1974).

Figura 9 – Esquema de realocação entre as cidades e núcleos urbanos da UHE-Tucuruí.



Elaboração: Ronaldo de Moraes, 2026.

Essa operação também permite retornar às narrativas literárias que deram origem ao percurso desta pesquisa. Em *Da janela do meu quarto*, os lugares são registrados a partir de experiências cotidianas, percursos e percepções produzidas por jovens que vivenciavam Tucuruí na década de 2010. Quando essas narrativas são confrontadas com documentos, fotografias, projetos e cartografias produzidas em outros momentos, a cidade deixa de aparecer em uma realidade estática.

Nessa passagem entre diferentes escalas que iconografia e cartografia assumem o protagonismo anunciado neste tópico. Quando colocados em conjunto, os registros permitem construir uma narrativa espacial que não corresponde exclusivamente ao território planejado pela Eletronorte, tampouco àquele posteriormente experimentado pelos seus habitantes. Trata-se de uma narrativa construída a partir das sobreposições entre aquilo que foi construído, transformado e que permaneceu na lembrança coletiva.

Ao espacializar trajetórias, localizar territórios submersos, comparar núcleos urbanos e relacionar projetos às suas materializações, a pesquisa retorna às perguntas inicialmente formuladas sob novas condições de observação. A cidade projetada e a cidade vivida deixam de constituir categorias separadas e passam a ser entendidas como dimensões simultâneas de um mesmo processo histórico, marcado pela construção de novos espaços e pela transformação, deslocamento ou desaparecimento de outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fazer o exercício descrito neste artigo, de observar novamente uma janela e contemplar uma trajetória investigativa de *trás pra frente*, permitiu-se esclarecer aproximações muito relativas ao campo que se estabeleceu aqui. Repetindo a fala da introdução, por se tratar de uma pesquisa praticamente destinada a ser, nota-se também a semelhança de abordagens empíricas de outrora, mesmo que sejam praticamente por *coincidência* ou *por acaso*.

Voltar à janela, anos depois, significa reconhecer que aquele primeiro olhar sobre Tucuruí não permaneceu o mesmo. O que em *Da janela do meu quarto* aparecia como escrita, observação e tentativa de compreender o lugar que se era vivido, retorna agora atravessado por outras perguntas e instrumentos de investigação. O percurso realizado neste artigo partiu justamente desse reencontro: entre uma narrativa produzida antes da formação científica e um território que continuou sendo investigado, revisitado e redesenhado.

A partir desse percurso, a pesquisa buscou demonstrar a potencialidade de uma abordagem histórica semiestruturada para a investigação urbana, especialmente quando diferentes formas de registro são colocadas em jogo. Registros iconográficos, narrativas literárias e orais não foram compreendidos como fontes isoladas ou hierarquizadas, mas como possibilidades distintas de aproximação de um mesmo processo histórico. O cruzamento entre esses materiais permitiu identificar continuidades, lacunas e diferentes perspectivas sobre as transformações produzidas pela implantação da UHE-Tucuruí.

Esse procedimento também permitiu observar que a produção das cidades associadas ao empreendimento não pode ser compreendida somente a partir de seus projetos urbanísticos. As plantas e documentos revelam intenções, funções e estratégias de organização espacial, enquanto as fotografias registram materialidades e transformações. As narrativas e entrevistas, por sua vez, acrescentam experiências, deslocamentos, usos e percepções que não aparecem integralmente nos registros oficiais.

Diante do livro de Oliveira (2014), as histórias assumem uma posição particular dentro da investigação. Produzidas a partir de diferentes formas de observar Tucuruí, elas funcionam como registros de um modo de narrar e perceber. Ao serem retomadas, essas histórias podem ser colocadas em diálogo com as entrevistas, fotografias e mapas. O reencontro entre temporalidades (e espacialidades) permite perceber que a cidade se constrói através das diferentes formas pelas quais seus lugares são descritos e representados.

A cartografia amplia esse cruzamento ao permitir que narrativas e informações dispersas sejam novamente relacionadas ao território. Ao espacializar aquilo que emerge das fontes, torna-se possível aproximar trajetórias individuais de transformações territoriais amplas, além de observar como a implantação da UHE-Tucuruí reorganizou relações entre as cidades, caminhos e lugares.

Olhando através de *novas janelas*, é possível perceber que a transformação do objeto aqui descrito não caminha isoladamente. Com as aproximações e ferramentas certas, perspectivas surpreendentes ainda podem emergir das profundezas desse lago. Uma das coisas que observou se repetir na escrita particular desta autoria é o diálogo interno mesmo que em intervalos espaçados. Mais uma vez isso acometeu. Ao observar o horizonte as respostas necessárias foram encontradas para encaminhar mais uma vez “o lugar onde vivo”.

<https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.out2026-5>



AGRADECIMENTOS

A pesquisa produzida durante todo o curso de mestrado desta autora contou com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes-CNPq), através de bolsas de fomento e auxílios estudantis para elaboração da pesquisa *in loco*, apresentação de trabalhos em eventos científicos e demais custeios.

Ressalta-se neste artigo a contribuição de outros pesquisadores durante a revisão e elaboração de ilustrações:

1. Ronaldo de Moraes (Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, <https://orcid.org/0000-0003-2871-4446>, ronaldonunesmoraes@gmail.com);

2. Izabella de Melo (Universidade Federal do Pará, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, <https://orcid.org/0000-0001-8997-2866>, izabella.2905@gmail.com);

3. Francianny Moraes (Universidade Federal do Amapá, Curso de Arquitetura e Urbanismo, <https://orcid.org/0000-0002-9016-2526>, franciannymoraes@gmail.com).

Amigos e parceiros de vida que contribuíram não apenas para a realização deste trabalho, mas sobretudo para a minha permanência e persistência na academia. Amor e gratidão que ultrapassa as páginas da revista e preenche o peito. Obrigadas!

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri. Planejamento autoritário e desordem socioambiental na Amazônia: crônica do deslocamento de populações em Tucuruí. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, p. 53–68, out./dez. 1991. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/8897>.

ARQUIVO NACIONAL. **Grande Carajás. Que República é essa?** 2018. Disponível em: <https://querepublicaeessa.an.gov.br/index.php/que-republica-e-essa/assuntos/temas/78-secoes-anteriores/66-filme/104-projeto-carajas>. Acesso em abril de 2025.

BRASIL. Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana. **Comissão Especial “Atingidos por Barragens”. Relatório final da Comissão Especial “Atingidos por Barragens”**. Brasília, DF: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2010. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/acesso-a-informacao/participacao-social/old/cndh/relatorios/relatorio-c.e-atingidos-por-barragens>>.

<https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.out2026-5>



CASTRO, Edna Maria Ramos de. et al. Estudo socioeconômico dos municípios da região de Tucuruí, Pará. **Papers do NAEA**, 1(1), 2010.

ELETRONORTE. **Usina Hidrelétrica Tucuruí: memória técnica**. Brasília, DF: Eletronorte, 1989. 681 p. (Projeto Memória Eletronorte). ISBN 85-85212-10-1.

EMMI, Marília Ferreira. **A oligarquia dos castanhais no sudeste do Pará**. 2. ed. Belém: NAEA/UFPA, 2000.

GIL, Antonio. Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2019.

LEPETIT, Bernard. **Histoire urbaine et espace**. *L'Espace géographique*, v. 9, n. 1, p. 43–54, 1980. DOI: 10.3406/spgeo.1980.3523.

LIMA, Jaqueline. Tucuruí: a cidade da energia em meio à escuridão. In: OLIVEIRA, Miranilde (org.). **Da Janela do meu quarto: uma visão do lugar onde vivo**. Tucuruí: IFPA, 2014. 37. p. 103-106.

LOUREIRO, Violeta. R. **Amazônia: Estado, homem, natureza**. 3. ed. Belém: Cultural Brasil, 2014.

MUSEU VIRTUAL TUCURUÍ. **História da Educação de Tucuruí**. Museu Virtual Tucuruí, Tucuruí, [s.d.]. Disponível em: <https://museuvirtualtucurui.com.br/blog/historia-da-educacao-de-tucurui/>. Acesso em setembro de 2026.

OLIVEIRA, Miranilde (org.). **Da Janela do meu quarto: uma visão do lugar onde vivo**. Tucuruí: IFPA, 2014.

OLIVEIRA, Raimunda de. **Entrevista cedida a Jacqueline Romaro (via Whatsapp)**. Belém, 04 de abril de 2025.

PESSOA, Rafaela. Caminhos de Ferro. In: OLIVEIRA, Miranilde (org.). **Da Janela do meu quarto: uma visão do lugar onde vivo**. Tucuruí: IFPA, 2014. 5. p. 22-25.

PIMENTEL, Cleyton Alves Candeira; RAVENA, Nirvia; TRINDADE, José Raimundo Barreto. Da estrada de ferro Tocantins à hidrelétrica de Tucuruí: uma leitura baseada no conceito de ambiente construído. **Papers do NAEA**, Belém, v. 1, n. 1, 2022.

ROMARO, Jacqueline. Sentimentos Controversos. In: OLIVEIRA, Miranilde (org.). **Da Janela do meu quarto: uma visão do lugar onde vivo**. Tucuruí: IFPA, 2014. 16. p. 43-45.

<https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.out2026-5>



ROMARO, Jacqueline. Um lugar chamado Bacuri!. In: OLIVEIRA, Miranilde (org.). **Da Janela do meu quarto: uma visão do lugar onde vivo**. Tucuruí: IFPA, 2014. 13. p. 52-53.

TOURINHO, Helena Lúcia Zagury. **Estrutura urbana de cidades médias amazônicas: análise considerando a articulação das escalas interurbana e intraurbana**. 2011. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

TREVISAN, Ricardo. **Cidades Novas**. Brasília: EdUnB, 2020.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

A autora declara não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.

Recebido em: 1/09/2026 | **Aceito em:** 1/10/2026